

## Apresentação

Geovana Mendonça Lunardi Mendes (UDESC)  
Fabiany de Cassia Tavares Silva (UFMS)

*Que princípios devem servir de base para o currículo do futuro? A primeira pergunta que me vem à mente é: o currículo continuará a se basear em uma nítida separação entre o conhecimento a ser adquirido na escola e o conhecimento que as pessoas adquirem em sua vida cotidiana? E, em segundo lugar, continuará a ter o caráter disciplinar estabelecido durante o século XIX ou será dada maior ênfase às habilidades práticas e sociais e ao tipo de conhecimento de que os adultos mais provavelmente precisam em uma economia global competitiva? As respostas a essas perguntas dependem, ao menos em parte, das suposições sobre a natureza do conhecimento e de como se presume que o conhecimento no qual o currículo se baseia seja diferente do conhecimento cotidiano das comunidades e locais de trabalho. (YOUNG, 2002, p. 54)*

As questões que interrogam o currículo, neste início de século, são inúmeras, conforme pontua Young (2002). Conhecimento, aprendizagem e ensino passam a ser “escrutinados” ainda mais com as complexificações criadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Algumas destas questões estão organizadas em torno da diversidade e heterogeneidade das práticas, que precisam estar atentas às situações psicológicas e, sobretudo, socioculturais dos alunos, de forma que os processos de ensino sejam constituídos em função das aprendizagens. Nesse contexto, não é possível pensar em currículos hegemônicos e, sim, nas possibilidades *contra-hegemônicas* que se constroem na busca da autonomia pessoal e pedagógica. A primeira fundada no encontro de conteúdos que auxiliem os alunos na resolução dos problemas cotidianos apresentados pelas relações a que estão submetidos. A segunda pela orientação de

ações mais concretas da escola e, em particular, dos conhecimentos escolares, que precisam incrementar o progresso dos alunos em suas formas de pensar e sentir, a fim de que reconstruam os conhecimentos cotidianos, elaborados ao largo da vida e em função do contexto. Para esta última, as inovações tecnológicas estão propostas na perspectiva do desenvolvimento de ambientes de aprendizagem, mais distante dos formalismos que têm caracterizado o trato e a representação da informação no espaço escolar, residindo aí todo o seu poder comunicacional e de organização dos conhecimentos.

Mobilizadas por estas questões, as escolhas dos textos que compõem este Dossiê pretendem trazer contribuições fulcrais para esse debate. Para discutir tal temática em toda a sua complexidade, conseguimos congregiar textos com diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e com múltiplos objetos de estudo.

Além disso, cabem dois importantes destaques nas características deste Dossiê. O primeiro se refere à internacionalização dos autores aqui reunidos. Recebemos e aprovamos textos de Portugal, Espanha e Argentina. O segundo diz respeito à inovação presente neste número da revista. Realizamos uma entrevista temática com a Professora Doutora Inés Dussel (DIE-CINVESTAT/México) e a publicamos na forma de vídeo.

Com relação aos textos, abre este Dossiê o artigo intitulado *Em busca de respostas para as necessidades educacionais da sociedade atual: uma perspectiva transdisciplinar da tecnologia*, de autoria de Juana Maria Sancho Gil (Universidad de Barcelona). Publicado inicialmente na revista espanhola FUENTES, o texto fora enviado pela autora e traduzido para o português, sendo esta a primeira versão neste idioma. A autora espanhola, muito conhecida pelo seu trabalho como investigadora no campo da Tecnologia e Educação, constrói neste texto reflexões sobre a necessidade de romper com a visão reducionista de tecnologia e coloca ênfase na necessidade de construirmos uma abordagem o mais transdisciplinar possível para pensarmos numa educação que faça sentido diante dos desafios atuais.

Na sequência, Tânia Cristina Pestana e José Augusto Pacheco (Universidade do Minho, Instituto de Educação) exploram a relação entre currículo, inovação e tecnologias

no contexto escolar, no texto *Currículo, tecnologias e inovação: para uma discussão da aprendizagem em contextos educacionais*. Para tanto, recorrem à análise das orientações curriculares portuguesas, tendo por base alguns dos pressupostos teóricos ligados ao construcionismo. O conceito de inovação é posto em evidência e as contribuições do texto são centrais para problematizar as políticas de inserção de tecnologia.

Em *El docente traductor: claves para la integración de tecnología en la escuela*, Alejandro Artopoulos (Universidad de San Andrés) analisa, com base na denominada teoria do “docente traductor”, as políticas de inserção de tecnologia, em especial as experiências de distribuição massiva de equipamento. As contribuições do artigo são extremamente relevantes para o contexto das políticas educacionais atuais da América Latina. Livia Cardoso Farias e Rosanne Evangelista Dias (UFRJ), em *Discursos sobre o uso das TIC na educação em documentos Ibero-Americanos*, tomam por objeto os discursos produzidos e difundidos pelos organismos internacionais que influenciam a definição de políticas curriculares relacionadas à introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no espaço escolar. As reflexões estão orientadas pela Teoria do Discurso de Ernesto Laclau para a análise do conceito de hegemonia e demandas.

Já *Domínio e cultura informática na escola* investiga a presença da informática no espaço escolar, e como ela se constitui no âmbito das práticas pedagógicas. Essa investigação, de autoria de Adão Caron Cambraia (UNIJUI), identifica os papéis dos principais agentes envolvidos nesse processo: alunos, professores e, ainda, um outro, nem sempre lembrado: o profissional de informática “residente” na escola.

Na direção dos estudos sobre a aprendizagem, *Processos sociocognitivos nos contextos de aprendizagem com o laptop educacional: um estudo de caso*, Dirce Meri Rossi Garcia Rafaelli e Carla Beatris Valentini (UFCS) incursionam por resultados de uma pesquisa que buscou compreender os processos sociocognitivos presentes nas trocas interindividuais dos estudantes nos diferentes contextos de aprendizagem em que faziam uso do laptop educacional na disciplina de História.

Ainda no contexto das aprendizagens, Analógia Miranda da Silva e Cláudia Maria Lima (UNESP) apresentam, em *O uso do computador no processo de ensino e aprendizagem: questões de representação social*, análises sobre os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a prática de professores dos anos iniciais no uso do computador no processo de ensino e aprendizagem. Para essa análise, as autoras utilizam o referencial piagetiano, e, com base na organização dos dados, as categorias de análise foram aprendizagem e mecanismos sociocognitivos.

Fechando este Dossiê, Terezinha Fernandes Martins de Souza, Daniela Karine Ramos e Dulce Márcia Cruz (UFSC), em *Jogos eletrônicos e currículo: novos espaços e formas de aprender*, discutem a inserção dos jogos eletrônicos no currículo escolar, apontando possibilidades e contribuições para novos modos de aprender e ensinar em tempos de convergência digital. Para tanto, partem do princípio de que as práticas com os jogos eletrônicos podem compor o currículo escolar no sentido de contribuir com a formação integral dos sujeitos.

A qualidade dos textos apresentados, juntamente com as múltiplas temáticas presentes nas pesquisas desenvolvidas pelos autores, demonstram que estamos diante de um objeto em verdadeira “ebulição”. A interface entre currículo, inovação e tecnologia ainda precisa ser muito investigada e debatida, e entendemos que temos aqui um conjunto de “vozes” qualificadas para contribuir com o adensamento da produção deste campo.

### **Referências:**

YOUNG, Michael. Durkheim, Vygotski e o Currículo do Futuro. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 56-80. Novembro/2002.